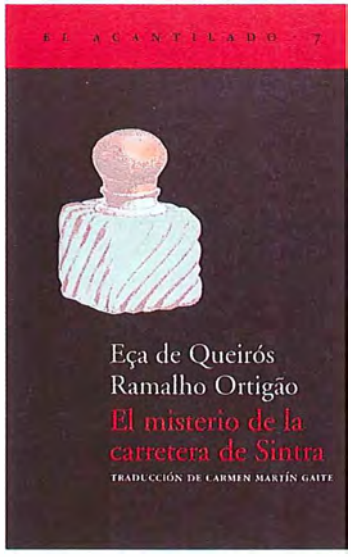
Eça de Queirós em Espanha

Elena Losada Soler

Uma primeira versão deste texto foi publicada na *Revista da Faculdade de Letras*, nº 19/20, 5ª série, Julho 1996, Universidade de Lisboa, Lisboa, p.p.89-98 com o título «La fortuna literaria de Eça de Queiroz en España».

EÇA DE QUEIRÓS É UM DOS POUCOS ESCRITORES que conseguiram ultrapassar o tradicional desconhecimento espanhol no que diz respeito à literatura portuguesa. Durante o realismo-naturalismo, a época dos seus contemporâneos, apenas alguns literatos souberam quem era Eça de Queirós. Unicamente os eruditos mais obstinados, como Leopoldo Alas «Clarín», ou aqueles que de um modo ou outro tiveram relações com Portugal, como é o caso de Rafael Mª de Labra ou da condessa de Pardo Bazán, mencionam o romancista português. As citações de «Clarín» são poucas mas evidenciam um conhecimento e uma avaliação positiva da sua obra. As referências de Emilia Pardo Bazán são mais extensas. Ela foi a grande valedora de Eça perante os realistas espanhóis, considerou-o «*el Zola portugués*»[1] e a sua opinião marcou a dos seus contemporâneos: Eça promotor do naturalismo em Portugal e autor rodeado de uma aura de escândalo. Mas, para além destes lugares comuns que fariam fortuna, a condessa de Pardo Bazán foi também a primeira a considerar *Os Maias* como a obra-prima de Eça de Queirós e a primeira que admirou o estilo queirosiano: «*A Eça de Queiroz es dificilísimo traducirle. Eça produce poco y tardíamente, cincelando el estilo con aquel esmero penoso y febril de Gustavo Flaubert*»[2].

Entre 1880 e 1900, porém, Eça de Queirós foi ainda leitura minoritária, de intelectuais interessados na literatura portuguesa ou de uns poucos leitores que, na maior parte dos casos, procuravam na sua obra «emoções fortes». Neste sentido se orientam também as preferências das editoras: entre 1882 (data da primeira tradução espanhola de *O Crime do Padre Amaro*, sob o pitoresco título de *El crimen de un clérigo, traducido por un ex-jesuita*) e 1910 foram publicadas três edições de *O Crime do Padre Amaro*, quatro de *O Primo Basílio* e seis de *A Relíquia*, verdadeiro *best-*



O Mistério da Estrada de Sintra, tradução de Carmen Martín Gaite, 1999.

-seller queirosiano deste período. A maior parte destas edições (todas com excepção de duas) estão datadas entre 1900 e 1910.

A morte de Eça de Queirós teve um eco notável em críticos como Eduardo Gómez de Baquero que lhe dedicou dois extensos estudos em *La España Moderna*, em 1900 e 1903, nos quais avisava os editores sobre o possível sucesso da sua obra: *«Y entre los novelistas de la Península Ibérica de este siglo acaso le corresponde el segundo lugar, aventajándole sólo Galdós por la magnitud y la solidez de su obra, si bien el escritor portugués sobrepujó a veces al autor de los Episodios en los primores de la ejecución literaria, en la elevación y colorido del estilo, en la amplitud de su horizonte estético y en la delicadeza de su intuición artística»*[3].

Entre os nomes dos primeiros tradutores de Eça para espanhol encontramos o de Ramón del Valle-Inclán, o grande escritor simbolista. Assinou três traduções: *La Reliquia* (c.1902), *El Primo Basilio* (1902/1904) e *El Crimen del Padre Amaro* (c.1908). A qualidade destas traduções não é, nem de longe, a da maravilhosa literatura do escritor galego. O texto aparece cortado arbitrariamente em muitas ocasiões, sem outro critério que o de abreviar as descrições, as construções sintácticas, e os idiomatismos do português aparecem calcados em espanhol, com claro prejuízo para a compreensão do texto e para o espírito da língua, e os erros léxicos e de interpretação denotam pouca familiaridade com a língua original, quase impossível num galego. Apenas um exemplo:

«E teu marido – perguntava ele – Quando vem?

– Não fala em nada. Ou então: – Não recebi carta, não sei nada [...]*»*

«¿Cuándo viene?

– No nos hace falta – respondía Luisa. – Ni he recibido carta ni sé nada [...]*»*[4].

A conclusão que se pode tirar destes desatinos é que a versão de *A Relíquia* foi feita à pressa, devido à urgência do editor Maucci, que queria o mais «escandaloso» romance de Eça para aproveitar o eco da sua morte, e à eterna penúria económica de Valle-Inclán. No que diz respeito às outras duas traduções – ainda piores – o próprio Valle descartou-se mais tarde da sua responsabilidade nestes trabalhos e atribuiu a autoria, numa entrevista concedida em Buenos Aires, à sua mulher, Josefina Blanco.

Paradoxalmente, estas pitorescas traduções assinalam o início dos anos da máxima popularidade de Eça em Espanha. Esta época dourada situa-se entre 1910 e 1930 e coincide com a geração dos «novecentistas», que tantas afinidades estéticas tem com Eça de Queirós.

Antes de entrar num breve comentário deste período não podemos esquecer uma breve referência à presença de Eça de Queirós nos textos do mentor da «Generación del 98»: Miguel de Unamuno. A decidida e militante lusofilia do reitor de Salamanca não podia deixar de nos oferecer uma visão de Eça. De um modo geral os critérios que Unamuno usou para estabelecer o seu cânone da literatura portuguesa – iberismo, «agonismo» e «casticismo» – não podiam ser, à partida, muito favoráveis para o cosmopolita e irónico Eça de Queirós. Efectivamente, o autor de *A Relíquia* aparece sempre nos seus escritos como contraponto de Camilo Castelo Branco, esse sim, o seu favorito. Só muito mais tarde, quando chegou a descobrir sob a aparência de uma ironia afrancesada o que ele chamou *«el profundo sarcasmo ibérico de Eça de Queiroz»*, mudou de opinião : *«Se ha comparado a Eça de Queiroz con Anatole France, y he oído muchas veces en Portugal reprocharle a aquél su poco portuguesismo* [...] *Yo también lo creí en un tiempo, mas hoy ya no tanto.* [...] *a Eça*

de Queiroz, portugués, y lo que es más, padre de portugueses, le duele Portugal. Cuando de éste se burla, óyese el quejido. Todo su arte europeo, un arte tan exquisitamente europeo, no logra encubrir su ímpetu ibérico. Se le oye el sollozo bajo la carcajada»[5].

Entre 1911 y 1925 foi publicada em espanhol a obra dispersa e foram também reeditados os romances. Os principais tradutores desta época são Andrés González Blanco e Wenceslao Fernández Flórez. As obras de Eça, especialmente as breves, faziam então parte dos catálogos de colecções de leitura popular como a «Colección Diamante» ou «La Lectura». Este facto mostra-nos que o notável sucesso queirosiano destes anos não o foi apenas entre um público de literatos «connaisseurs» mas que atingiu camadas muito amplas de leitores espanhóis.

Nesta etapa o romance mais publicado e traduzido foi *A Ilustre Casa de Ramires* (cinco edições e duas traduções). Não podemos esquecer, porém, o facto surpreendente de obras como *Ecos de Paris*, *Cartas de Inglaterra* ou *Notas Contemporâneas*, que já tinham perdido a sua actualidade de crónica jornalística, chegarem a esgotar duas e três edições em poucos anos. Trata-se do triunfo do estilo sobre a actualidade imediata.

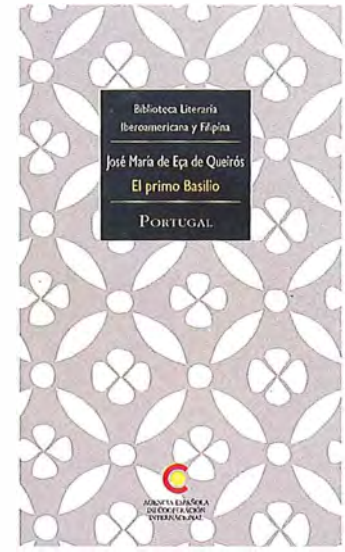
Nesses anos Eça de Queirós gozou da atenção dos mais importantes críticos literários. Alguns deles levaram os seus elogios até um divino entusiasmo, como os seus tradutores González Blanco e Fernández Flórez. Outros foram mais moderados mas igualmente apreciadores, como Carmen de Burgos, Díez-Canedo, Eugeni d'Ors ou Agustí Calvet «Gaziel»: *«Eça també és un exemple, com Proust ho fou més tard, de la ressonància creadora, poètica i lírica, que la remembrança desvetlla en certs esperits selectes. El português i el francès són dos artistes incomparables; vull dir que entre ells no s'assemblen en res. Però tant a l'un com a l'altre el secret que els mou és la força transfiguradora del record* [...]»[6].

Neste coro de elogios apenas uma única voz discordante, a de Ramón Pérez de Ayala: *«Se ha dicho, con tanta asiduidad como ligereza, que Eça de Queiroz era el primer novelista peninsular. Lo cual es simplemente caprichoso, arbitrario. Hasta podría negársele la calidad de novelista. Sus dos novelas más difundidas, las de tipo escrupulosamente realista:* El Crimen del Padre Amaro *y* El Primo Basilio, *no son en rigor novelas, son cuadros episódicos, monografías ligeras acerca de psicologías vulgares. Carecen estas dos obras de organización, de composición cerrada, de necesidad o fatalidad interiores»*[7].

A influência de Eça de Queirós alargou-se nessa década de 20 à obra ficcional de um grupo de escritores, os chamados «humoristas galegos»: Julio Camba, Wenceslao Fernández Flórez, etc.. Para todos eles a ironia e o estilo queirosianos serão uma constante fonte de inspiração.

Entre 1926 e 1936 foi traduzida a obra póstuma. O interesse por esses novos romances potenciou a reedição dos anteriores, mas a queda da presença editorial de Eça de Queirós é notável. Romances anteriormente com tanto sucesso como *A Relíquia* ou *A Ilustre Casa de Ramires* não serão reeditados e os inéditos não terão uma segunda edição. Na convulsa Espanha dos anos 30 a estrela de Eça começa a decair.

A guerra civil de 1936-1939 marcou o final definitivo de muitas coisas, entre elas o desta época doirada da presença queirosiana em Espanha. O centenário de Eça de Queirós, em 1945, embora leve novamente o seu nome às secções literárias dos jornais, apresenta características muito diferentes; tratando-se de comemorações quase oficiais, o autor de *Os*



O Primo Basílio, tradução de Julio Gómez de la Serna, 1997.

O Mandarim, tradução de Pilar Navarro, 1990.

Maias é considerado um clássico, já não era a leitura viva da classe média que fora 20 anos atrás. A prova definitiva desta comemoração-congelação é a cuidada – e cara – edição das suas obras completas publicada pela editora Aguilar em 1948. As traduções foram desta vez da autoria de Julio Gómez de la Serna, que fez um trabalho cheio de sensibilidade e de estima por Eça, com umas versões muito fiéis ao texto, embora também com algum erro, menos grave, porém, que os presentes nas anteriores. A pena foi que estas traduções – e o extenso e importante prefácio que as acompanhava – demoraram anos a chegar aos leitores porque a censura franquista retirou a primeira edição. Um século depois do seu nascimento, Eça de Queirós continuava a ser um perigo para o nacional-catolicismo e para as almas pacatas.

Como amostra deste medo podemos citar a nota que a redacção do *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo* teve que acrescentar ao interessante artigo de Alonso Zamora Vicente (1949): «*NOTA DE LA REDACCIÓN: Téngase en cuenta que el autor de este artículo juzga aquí a Eça de Queiroz no más que en el aspecto literario, dejando aparte otros, como el religioso, en el que seguramente no sería tan alabado*»[8].

Este é o espírito – forçado – que domina a crítica literária da época: uma grande preocupação pela «exemplaridade» da obra queirosiana. Joaquín de Entrambasaguas, Enrique Segura e em menor medida Zamora Vicente e Julio Gómez de la Serna, destacarão a última fase da sua obra, a mais idealista e «moral», tentando esquecer as obras «perigosas». Em todas as referências críticas deste período encontramos respeito pelo extraordinário estilista e valorização da «arcádia queirosiana». Sente-se, todavia, que Eça de Queirós já deixou de ser uma leitura presente e contemporânea para tornar-se um clássico longínquo.

Passado este fulgor do centenário – que não é senão uma miragem – o silêncio cai sobre Eça de Queirós. Entre 1950 e 1970 não há novas traduções e reeditam-se duas vezes as obras completas, mais para o mercado hispano-americano do que para o espanhol, na luxuosa colecção de Aguilar. Nem sequer o lento ressurgir do interesse pelo romance realista poderá alterar esta tendência. A imagem de Eça de Queirós em Espanha era a fixada pelos «novecentistas»: a de um romancista «fin de siècle», irónico e decadentista, obsesso pelo estilo; o «Zola português» que os seus contemporâneos apreciaram tinha sido completamente esquecido, e numa altura histórica que precisava fortemente de ética não havia lugar para Fradique Mendes.

A partir de 1962 o incipiente experimentalismo da narrativa espanhola apontará para outro rumo e para outras preferências. O humor, o «pastiche» e a perfeição formal serão novamente valorizados. Assistimos também nesses anos ao renovado interesse pela obra de Flaubert e junto com ele, – embora a uma grande distância – voltou Eça. A mais interessante reflexão crítica sobre a obra de Eça de Queirós neste período é o texto de J. A. Gaya Nuño publicado em 1967. Neste extenso artigo o autor frisa um aspecto muito interessante que Julio Casares retomará depois: a possível influência de Eça de Queirós sobre Valle-Inclán, que leu a sua obra bastante melhor do que a traduziu: «*Si hubo un hombre merecedor de fama y honor en el último tercio del siglo XIX, era José María Eça de Queiroz. Para los españoles, aparte sus valores intrínsecos, cuenta con el capital de haber influido en alguna parcela de la formación primera de don Ramón María del Valle-Inclán*»[9].

Em 1970, no prelúdio de um novo auge queirosiano, foram publicadas novamente as traduções de Valle-Inclán de *O Primo Basílio*

e *A Relíquia*. Em 1974 a prestigiada romancista Carmen Martín Gaite traduziu e prefaciou *O Mistério da Estrada de Sintra*. Foram as primeiras manifestações de um tímido ressurgimento, perceptível embora modesto. Nem os níveis de leitura popular da obra queirosiana nem o interesse dos críticos que se deram nos anos 20 voltaram a ser atingidos. A maioria dos comentários sobre Eça de Queirós são resenhas nos suplementos culturais dos jornais com motivo de uma nova publicação, ou então são obra do reduzido grupo de lusitanistas espanhóis e encontram-se em revistas muito especializadas e de escassa difusão. Mas, embora com estes limites, devemos frisar que nos últimos vinte anos nomes importantes no panorama da crítica espanhola se têm ocupado de Eça de Queirós: a própria Carmen Martín Gaite, J. F. Montesinos, Basilio Losada e Ildefonso Manuel Gil, entre outros.

Entre 1983 e 1984 a editora Bruguera publicou novamente as incombustíveis – e pitorescas – traduções de Valle-Inclán. Foi o regresso de Eça a uma colecção popular de livros de bolso. A importância de Bruguera como editora e o nome do tradutor propiciaram a aparição de resenhas em jornais tão importantes como ABC ou *El País*. Em todos os casos o tema central foi a relação entre autor e tradutor: a influência de Eça sobre o autor de *Sonatas*. O desconhecimento geral – naquela altura maior do que actualmente – da língua portuguesa em Espanha fez com que ninguém questionasse a qualidade das traduções assinadas com esse nome ilustre, motivo pelo qual se perpetuaram – agravados pelas abundantes gralhas de uma colecção barata – os antigos erros.

Também nos começos dos anos 80 a obra de Eça viveu uma interessante experiência metaliterária. O escritor catalão Joan Perucho

A Relíquia, tradução de Ramón del Valle-Inclán (1ª edição, 1902).

A Correspondência de Fradique Mendes, tradução de Elena Losada Soler, 1995.

no seu romance *Pamela*[10] – um interesantíssimo jogo de literatura sobre a literatura – inclui um «complemento» a *Os Maias*. Pamela – a protagonista e ex-personagem de Richardson – torna-se no romance de Perucho espia de Lord Holland na Península no tempo das Cortes de Cádiz. Numa viagem a Lisboa conhece Afonso da Maia, não o digno patriarca que Eça imaginou, mas sim um Afonso da Maia jovem e galante, que gosta de ópera barroca e não do inevitável Gounod dos realistas: «*Por la noche después de cenar, y acompañada por el noble Alfonso de la Maia, he ido al teatro de São Carlos, donde representaban la ópera de Claudio Monteverdi Orfeo* [...]»[11].

Entre 1985 e 2000 a presença queirosiana em Espanha tem sido um lento mas constante fluxo de publicações. Às vezes trata-se de edições muito cuidadas em editoras e colecções prestigiosas; em outros casos, de textos mais ou menos duvidosos para colecções de literatura em fascículos ou para editoras quase fantasmas. Dado que a extraordinária bibliografia queirosiana do Prof. Ernesto Guerra da Cal fechou as suas entradas em 1984 talvez resulte útil o seguinte quadro das edições e traduções publicadas em Espanha, em castelhano, catalão e basco, entre 1983 e 2000 ou em anos anteriores no caso de não estar na obra de Guerra da Cal:

O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1974	Carmen Martín Gaite (Prefácio de Carmen Martín Gaite)	Nostromo	Madrid
1983	Carmen Martín Gaite	Bruguera	Barcelona
1999	Carmen Martín Gaite	El Acantilado	Barcelona

O CRIME DO PADRE AMARO

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1983	Ramón del Valle-Inclán [1 1908?][12]	Bruguera	Barcelona
1991	Ramón del Valle-Inclán	Ed. EDAF	Madrid
1997	Damián Álvarez Villalaín	Ed. Lumen	Barcelona
1998	Eduardo Naval LB 5510	Alianza Editorial	Madrid

O PRIMO BASÍLIO

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1981	Rafael Morales (Prefácio de Basilio Losada)	Planeta (Clásicos Planeta)	Barcelona
1983	Ramón del Valle-Inclán [1 1902?]	Bruguera	Barcelona
1984	Rafael Morales	Planeta (Grandes novelas de Amor)	Barcelona
1997	Julio Gómez de la Serna (Prefácio de Elena Losada)	Biblioteca Literaria Iberoamericana y Filipina (AECI)	Madrid

O MANDARIM

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1988	— — — —	Hyspamerica Ed. Argentina, S.A. (Biblioteca J.L. Borges)	Madrid
1990	Pilar Navarro (Prefácio de Pilar Vázquez Cuesta)	Ed. Cátedra	Madrid
1993	— — — —	Cantábrico de Prensa, S.A.	Santander
1993	Enrique Ortenbach	Lumen	Barcelona

O MANDARIM (EM BASCO)

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE	TÍTULO
1992	Jesús María Lasa	Ibaizabal Edelvives S.A.	Bilbao	Mandarin Zaharra

O MANDARIM (EM CATALÃO)

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE	TÍTULO
1992	Jordi Moners	Eliseu Climent Ed.	Valencia	El mandarí

A RELÍQUIA

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1983	Ramón del Valle-Inclán [1 1902?]	Bruguera	Barcelona

OS MAIAS

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1972	A. Serra	Bruguera	Barcelona
1978	Augusto Riera (Prefácio de F.C. Sainz de Robles) [1 1904]	Círculo de Amigos de la Historia - Ferni	Genève
1983	Augusto Riera (Prefácio de José Ares Montes) [1 1904]	Cupsa Editorial	Madrid
1985	Julio Gómez de la Serna [1 1948]	Círculo de Lectores	Barcelona

A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1977	— — — — —	S.A. de Promoción y Ediciones (Grandes Maestros de la literatura clásica)	Madrid
1983	— — — — —	S.A. de Promoción y Ediciones Club Internacional del Libro (Grandes Genios de la literatura universal)	Madrid
1989	Rafael Morales (Prefácio de Elena Losada Soler)	Planeta (Clásicos Planeta)	Barcelona
1994	— — — — —	S.A. de Ediciones y Promociones Audiovisuales	Madrid

A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1995	Elena Losada Soler (Prefácio de Carlos Reis)	Destino	Barcelona

A CIDADE E AS SERRAS

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1984	Eduardo Marquina [1 1903]	Bruguera	Barcelona

DICIONÁRIO DE MILAGRES

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1990	Mario Merlino	Mondadori	Barcelona

O CONDE DE ABRANHOS

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1991	W. Fernández Flórez [1 1931]	Lipari Ed.	Madrid

ALVES & CIA

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE
1986	Andrés Ruiz Tarazona	Salvat	Barcelona

CONTOS

ANO	TRADUTOR	EDITORA	CIDADE	TÍTULO
1987	Francesc Gibert i Tió	Amós Belinchón, Ed.	Paiporta	*Adam i Eva al Paradís* (em catalão)
1988	Julio Gómez de la Serna [1 1948]	Aguilar S.A. de Ed. (El Libro Aguilar)	Madrid	*Rarezas de una muchacha rubia y otros cuentos*

Vejamos agora um resumo quantitativo por obras entre 1983 e 2000:

TÍTULO	EDIÇÕES	TRADUÇÕES
O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA	2	1
O CRIME DO PADRE AMARO	4	3
O PRIMO BASÍLIO	3	3
O MANDARIM	6	4 em cast., 1 em cat., 1 em basco
A RELÍQUIA	1	1
OS MAIAS	2	2
A ILUSTRE CASA DE RAMIRES	3	2
A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES	1	1
A CIDADE E AS SERRAS	1	1
O CONDE DE ABRANHOS	1	1
ALVES & CIA	1	1
DICIONÁRIO DE MILAGRES	1	1
CONTOS	2	1 em cast., 1 em cat.

Como vemos, *O Mandarim* foi o grande *best-seller* queirosiano destes últimos anos. Seis edições de um autor português em Espanha é um facto pouco frequente. Apenas a poesia de Pessoa nos anos 70-80 e a obra narrativa de José Saramago na actualidade superam estas cifras. No que diz respeito às causas do sucesso desta *chinoiserie* queirosiana entre as editoras atrever-me-ia a pôr uma hipótese: é mais fácil editar – e vender – uma novela de cem páginas que um romance de seiscentas. Mais surpreendente resulta o aparecimento de duas novas traduções de *O Crime do Padre Amaro* apenas com um ano de diferença. A política editorial tem às vezes profundos mistérios...

Recapitulando, embora a época de maior presença de Eça de Queirós em Espanha, quando realmente foi um autor lido e vivido por leitores de todas as classes sociais, tenha passado há mais de meio século, o seu nome continua presente nos catálogos das editoras mais importantes de Espanha. Esperemos que o centenário da sua permatura morte nos traga proximamente novas traduções e edições e que esses livros voltem a ser uma leitura viva entre os espanhóis.

1 Emilia Pardo Bazán, *La cuestión palpitante*, Madrid, 1983, p. 152.
2 Emilia Pardo Bazán, *Por Francia y Alemania*, Madrid, 1889, p. 238.
3 Eduardo Gómez de Baquero, «Crónica literaria (Eça de Queiroz)», *La España Moderna*, Madrid, Setiembre de 1900, p. 153.
4 Eça de Queirós, *El Primo Basilio*, Trad. de R. delValle-Inclán, Barcelona, Bruguera, 1983, p. 173.
5 Miguel de Unamuno, «El sarcasmo ibérico de Eça de Queiroz», in, *In Memoriam Eça de Queiroz*, Coimbra, 1947, p. 388
6 Agustí Calvet, «Portugal enfora», in *Viatges i somnis II*, Barcelona 1963, p. 157
7 Ramón Pérez de Ayala, *Más divagaciones literarias*, Madrid, 1960, p. 164
8 Alonso Zamora Vicente, «El arte de Eça de Queiroz», *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo*, Vol. XXV, nº3/4, Julio-Diciembre 1949, p. 350
9 Juan Antonio Gaya Nuño, «La primera generación de novelistas comprometidos», *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 1967, p. 466
10 Joan Perucho, *Pamela*, Barcelona, Ed. Planeta, 1983
11 *Ibidem*, p. 66
12 As indicações entre parêntesis rectos correspondem à data da primeira publicação destas traduções.